

Diversão & Arte




Filme 3 Refeições

ENREDADO
em LABIRINTO
INTERMINAVEL

COM MUDANÇA DE DIRETORES E O MESMO CARISMA DO PERSONAGEM MILES MORALES, HOMEM-ARANHA: ATRAVÉS DO ARANHAVERSO TRAZ A CONTINUAÇÃO PARA O PREMIADO E POPULAR LONGA-METRAGEM DE 2018

» RICARDO DAEHN

Já faz cinco anos que uma animação integrada pelo poderio de produção da Sony Pictures Animation, Marvel Entertainment e Columbia Pictures levou ao mundo não apenas a versão do Homem-Aranha negro Miles Morales, mas ainda faturou o Oscar. Agora, na sequência que chega à telona, *Homem-Aranha: Através do aranhaverso* sai o trio de diretores do primeiro longa — um grupo formado por Bob Persichetti, Peter Ramsey e Rodney Rothman —, e a liga de diretores substitutos dá as caras: Kemp Powers (codiretor de *Soul*, premiado filme da Disney), Justin K. Thompson (da equipe de animação de *Star Wars: Clone Wars*) e o português Joaquim dos Santos (produtor da série *Voltren*).

O fator que comanda a trama é a amizade, que agora avança para relacionamento amoroso, entre o Homem-Aranha central (que teria substituído a versão morta de Peter Parker, e que novamente é dublado por Shameik Moore) e Gwen Stacy, a Mulher-Aranha da Terra 65 (personagem com a voz de Hailee Steinfeld). Contabilizando quase uma centena de personagens com intermináveis variações, o roteiro dividido pelos escritores David Callaham, Phil Lord e Christopher Miller traz o desdobramento do contato do protagonista com um chamado exército de “pessoas-aranha”.

Com a garantia de um terceiro longa-metragem em andamento, o segundo capítulo da trilogia coloca Morales em uma crise para defender aqueles que mais ama. Definir o que seja um

herói está na trilha do jovem herói que encara mais um recomeço, não apenas no Brooklyn que tanto conhece, mas ainda por intermináveis camadas de um multiverso, aos poucos, por ele desvendado. O risco das modificações do multiverso, por vezes, ameaça as facetas de Miles Morales, uma vez ciente de que a máscara de Homem-Aranha (usada por ele) pode aderir a qualquer outra existência. Arquimimigo do Cabeça de Teia, o Abutre (na voz de Jorma Taccone) tem espaço certo no novo filme.

O tom da nova aventura, pelas impressões de quem já a assistiu, envereda para algo “mais sombrio e triste”, na comparação com o filme de 2018. Segundo o site *Collider*, num jogo de identidades embaralhadas o pai-identidade de Gwen, o integrante da polícia George Stacy (com profissão similar à do pai de Morales, Jefferson Davis, que ganha a voz de Brian Tyree Henry) finalmente aparecerá em cena, depois de já ter sido interpretado em alguns filmes de live-action (desde 2007).

Em parte, a relação entre Gwen e Miles é sabotada com as exigências de *Homem-Aranha 2099*, presente na trama e que ainda atende por Miguel O'Hara (Oscar Isaac, na voz daquela considerada a versão latino-americana de Homem-Aranha). Entre os inusitados personagens do novo filme está a bebezinha de Mary Jane Parker, May Mayday Parker — dotada de muita agilidade e dinâmica. Ainda sempre lembrado pelo drama de terror *Corral*, o ator Daniel Kaluuya dará voz ao personagem Spider-Punk.

Cenas do novo filme do Homem-Aranha

Fotos: Sony/Divulgação

FAMINTA POR CINEMA

a maia
Niva Salles/Divulgação

A realidade de ver o Brasil retirado do Mapa da Fome da ONU, à época do governo Lula, é algo que toca a cineasta e escritora Maria Maia, há nove anos aposentada, depois de 35 anos de serviço público. Hoje, com cotidiano ligado à produtora Imagem no Ar, Maria colhe os frutos de uma investida a campo, em 1993: com uso de imagens transpostas para a resolução 4K (em 2018), ela montou o longa *3 refeições*, que em 2020, participou da Mostra Humanidades (do Santos Film Festival) e do Los Angeles Brazilian Film Festival. Dada a pandemia, a participação dela nos eventos foi virtual. Mas, 2023 reservou a chegada do longa aos cinemas (na sala do Liberty Mall), isso depois de, no ano passado se ver semifinalista do Paris Women Festival e ter vencido o prêmio de melhor filme no Boston Independent Film Awards.

“Nos últimos anos, com uma política pública de negação da cultura — e o cinema além de veículo cultural, move a economia — ficou muito difícil fazer filmes”, comenta a diretora que, no momento, celebra a exibição do filme, que foi feito com recursos oriundos de edital público promovido pela Ancine. “Fiz esta viagem ao país real que filmei, nove anos antes do presidente Lula chegar ao poder. A situação documentada era tão calamitosa que alguns comiam sopa de papel e cuscuz de casca de árvore. Foi lá, naquela primeira Caravana da Cidadania, que Lula falou do cumprimento do objetivo de vida, de ver cada brasileiro com acesso a três refeições. Quando ele deixou o governo, todo brasileiro tinha as tais três refeições”, observa a diretora.

Mestre Godard

O filme *3 refeições* é dos poucos “documentários puros” na carreira da cineasta movida pela mescla entre documentário e ficção, num impulso da leitura, quando ainda jovem de um texto do mestre Godard (“O melhor documentário é pura ficção e a melhor ficção não deixa de ser documentário”, ela rememora). Partidária do conceito de que a arte é um gesto político, Maria Maia não perde de vista um alicerce aristotélico, de o homem ser “um animal político”. Nada mais natural, como ela defende, que haja “peso político” em um documentário sobre a fome. “Ela retornou ao Brasil com violência e virulência neste buraco negro que o bolsorismo tornou o Brasil. Mas o presidente Lula está no comando para tirar de novo o Brasil do Mapa da Fome”, enfatiza. a diretora que traz, entre feitos, nove longas, 14 médias e mais de 40 curtas-metragens.

Com a visão ampliada do percurso dos documentários — com trânsito entre tevês, salas de cinema e streaming —, Maria Maia se considera uma sonhadora. O próximo desejo é encerrar a realização do projeto de longa *Sophia*. “O filme trata da vinda da poeta portuguesa Sophia de Melo Breyner Andersen à Brasília, no início da década de 1960. Fiz duas raras entrevistas que, inéditas, pretendo usar no filme”, adianta. (RD)

FAMÍLIA EM APUROS

» ISABELA BERROGAIN

Inspirado no conto do conhecido autor Stephen King, *Boogeyman*: *Seu medo é real* chega com exclusividade aos cinemas brasileiros hoje. A nova produção de terror conta a história da adolescente Sadie Harper (Sophie Thatcher) e da irmã mais nova Sawyer (Vivien Lyra Blair), que sofrem com a recente morte da mãe. Apesar do momento difícil, as jovens não recebem apoio do pai, Will (Chris Messina), um terapeuta que também procura formas de lidar com a própria dor. A situação piora quando um dos pacientes do homem aparece na casa da família procurando ajuda e deixa para trás uma entidade sobrenatural que se alimenta do sofrimento das pessoas.

Três perguntas/Sophie Thatcher

Como é a sua relação com o trabalho do Stephen King?

Eu sinto que o Stephen King faz parte do crescimento de todo mundo. Ele é um ícone cultural tão grande que é impossível você não estar ciente do trabalho dele. Quando eu era mais nova, com uns 12 anos, eu assisti a *Carrie* e foi algo que realmente me marcou. Eu fiquei: “Uau, filmes podem fazer isso. Isso é insano”.

Esta não é sua primeira vez trabalhando em uma história de terror. Como *Boogeyman* se diferencia?

Nós trabalhamos muito duro em criar uma dinâmica familiar realista, porque, em sua essência, o filme é sobre uma família disfuncional que está passando por algo com que muitas pessoas se identificam. Existem tantas dinâmicas complicadas entre os

protagonistas, existe tanta tensão. Sadie sente como se ela tivesse que ocupar o vazio que a morte da mãe deixou na vida da irmã. Então, o fato de que nós criamos essa base familiar foi o diferencial do filme para mim, porque você realmente sente empatia pela família e pela história deles.

Como foi se conectar com a história pessoal da Sadie?

Ao entrar no personagem, eu tinha algumas referências de outros filmes, mas cada pessoa lida com o luto de formas diferentes. Por isso, tive que descobrir como ela especificamente lida com esse sentimento, com a depressão após a morte da mãe e em que fase do luto ela está. Nós a conhecemos em um momento em que ela sente muita falta da mãe e quer sentir a presença dela. Por isso, na primeira cena, vemos Sadie botando o vestido da mãe para o primeiro dia de escola, para que ela possa se sentir fisicamente perto dela.